

Resenha

As múltiplas travessias na obra *Nós: O Atlântico em solitário* de Tamara Klink

Luciana da Costa Ferreira



As múltiplas travessias na obra *Nós: O Atlântico em solitário* de Tamara Klink

Luciana da Costa Ferreira

Doutora em Teoria Literária pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é Professora de Língua Portuguesa do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ), Campus Paracambi.

Resenha de KLINK, Tamara. *Nós: O Atlântico em solitário*. São Paulo: Companhia das letras, 2023, 1ª ed., 224p.

A literatura náutica é um gênero não ficcional em que navegadores relatam as suas viagens pelos mais diversos oceanos. Lidando com situações extremas seja por tempestades ou navegação em mares congelados, nessa categoria literária, destacam-se nomes como o canadense Joshua Slocum¹², primeiro homem a dar a volta ao mundo em um barco à vela, os brasileiros Vilfredo e Heloísa Schürmann³⁴ e o autor de *Cem dias entre o céu e o mar*⁶⁶, o também brasileiro Amyr Klink. Em um nicho literário cujas vozes masculinas predominam, o livro *Nós: O Atlântico em solitário*, de Tamara Klink (2023) traz o importante e necessário olhar feminino às narrativas náuticas. A autora se tornou, em 2021, a brasileira mais jovem a cruzar sozinha o Atlântico. Vale lembrar que, no século XVIII, a botânica francesa Jeanne Baret teve que se disfarçar de homem para entrar em uma circunavegação, já que mulheres eram proibidas por lei de participar de expedições em navios. Três séculos depois, sem disfarces, a paulistana Tamara Klink começou suas expedições em veleiros e as registrou em diários que, por sua vez, foram transformados em livros.

Tamara Wolff Bandeira Klink nasceu, em 1997, em São Paulo. É filha da fotógrafa Marina Bandeira Klink e do navegador brasileiro Amyr Klink. É formada em arquitetura naval pela *École nationales supérieure d'architecture* de Nantes (França). Além de arquiteta, é velejadora e escritora. A tradição de registrar suas viagens em diários surgiu por incentivo de sua mãe. Em uma expedição em família à Antártica, Marina sugeriu às filhas a escrita de um diário de viagem. Dessa experiência, publicou com suas irmãs o livro *Férias na Antártica* (2014). Posteriormente, lançou sozinha as obras *Um mundo em poucas linhas* (2021), *Crescer e Partir* (2022), *Mil Milhas* (2021) e *Nós: o Atlântico em solitário* (2023).

Na verdade, o livro *Nós* é a complementação de seus primeiros passos (ou primeiras milhas) como velejadora solo relatada na obra *Mil Milhas*. Portanto, é interessante iniciar a leitura pelo *Mil Milhas* cuja narrativa abarca sua viagem desde a Noruega até a França, este é o ponto de partida para a expedição retratada em *Nós*. A segunda expedição de Tamara a bordo do veleiro *Sardinha* partiu da França com paradas em Portugal, Ilhas Canárias

*Artigo recebido em 29 de abril de 2025 e aprovado para publicação em 5 de junho de 2025.

Navigato: subsídios para a história marítima do Brasil. Rio de Janeiro, V. 21, nº 41, p. 144-148 – 2025.

e Cabo Verde. O ponto final, após três meses de travessia, foi a cidade de Recife no Brasil. As travessias narradas nesses dois livros foram a bordo de um veleiro pequeno batizado por sua avó de *Sardinha*, um peixe pequeno e ágil que percorre grandes distâncias.

O enredo do livro *Nós* é apresentado em forma de diário de bordo com toda a carga emocional que traz a escrita em primeira pessoa. Em suas linhas, há a partilha de todas as etapas de preparação antes mesmo do barco partir, do esforço físico em dar conta do ato de velejar sozinha, das questões emocionais em situações extremas, dos cansativos compromissos profissionais e pessoais quando se aporta temporariamente em um porto e de sua relação com sua família. Percebe-se que não é somente um livro sobre velejar. Suas travessias são múltiplas: pelo mar e por seus sentimentos. Há a exteriorização das tempestades internas da autora: seus medos, a solidão, a saudade, o tédio, a exaustão mental. A obra é uma clara exemplificação da transformação de uma nova Tamara ao realizar seu sonho de velejar sozinha sem a ajuda de sua família e com o peso de ser filha de um reconhecido navegador. Ao realizar seus sonhos, Tamara não romantiza o caminho. Em suas linhas, expressa o quanto crescer e realizar um objetivo dói e nos leva até o limite físico e mental, mostrando que a vida não segue um roteiro pré-definido.

A edição, publicada pela Companhia das Letras, é dividida por blocos: desistir (sobre a dificuldade de partir), França (local de partida), Canárias, Cabo Verde (pontos de parada), Brasil (ponto de chegada) e repartir (reflexões após sua chegada ao Brasil). A publicação possui belas ilustrações feitas pela própria autora, exposição de fotos de família e da expedição e, no fim, apresenta um glossário de termos náuticos indispensável para leitores lei-

gos. Apesar de a edição ser visualmente atrativa, cabe ressaltar que a divisão dos capítulos poderia destinar uma seção exclusiva a Portugal em vez de colocá-la na parte destinada à França.

A autora pode até ter seus motivos pessoais para a escrita do diário, contudo um dos objetivos da publicação deste livro é, certamente, mostrar que é possível uma mulher sozinha cruzar o Atlântico em uma pequena embarcação. Como a própria Tamara relatou, “quantas gerações de mulheres inconformadas foram necessárias para que nós pudéssemos partir também por conta e vontade própria” (p.40). Dessa forma, o relato de Tamara incentiva às mulheres não só a velejarem sozinhas como a ocupar outros espaços tradicionalmente dominados pelos homens. E esse é um dos grandes trunfos dessa obra.

Em certa parte do relato, a autora afirma: “Eu tenho medo o tempo todo” (p.11). Essas palavras podem surpreender o leitor. Afinal, imaginamos que é preciso muita coragem para desbravar o Atlântico sozinha em um pequeno veleiro. No entanto, Tamara Klink desmistifica nossa ideia de que navegadores são movidos pela coragem. E complementa que se chegou inteira no final dessa expedição “não foi por ter coragem, mas por nunca ter deixado de sentir medo” (p.11). Esse sentimento aparentemente sufocante e negativo, fez a navegadora conferir instrumentos, apertar parafusos, rever cartas náuticas. Produziu nela uma cautela mesmo quando não havia sinais de perigo. Cabe ressaltar que o medo na autora não se restringe aos perigos na travessia oceânica. Seus medos transbordam também de sua vida pessoal. Afinal, a autora tem apenas 24 anos e está em uma fase de vida na qual tenta construir sua autonomia sem a companhia de sua família. Crescer como indivíduo não é um trajeto fácil e isso fica evidente em sua narrativa. Tamara expõe, então, os di-

versos percalços em sua navegação física e psicológica: erra o caminho para as Ilhas Canárias ao confundir Las Palmas (capital da Gran Canária e seu real destino) com La Palma (uma cidade na ilha La Palma), tem exaustão mental ao aportar em Cabo Verde e passa 30 horas presa em uma zona de instabilidade meteorológica que a leva a um limite físico e mental.

Todo esse processo de crescimento na profissão é acompanhado de maneira distinta pela família da navegadora. Um dos assuntos abordados no livro é, exatamente, a reação da família à sua decisão de velejar sozinha pelo Atlântico sendo ainda uma velejadora sem experiência. A pressão da família, pasmem, não é feita pelo pai famoso. Enquanto a mãe e as irmãs revelam uma aflição e questionamentos constantes com a decisão de Tamara, seu pai pouco intervém. Sua figura paterna é pouco citada em sua travessia pelo Atlântico, não por ausência afetiva e sim pela decisão de Amyr Klink observar à distância sua filha crescer.

É relevante comentar que a escritora opta por apresentar a narrativa através da carga confessional do gênero textual diário, uma forma pessoal e informal de partilhar suas experiências e sentimentos. Todavia, a voz de Tamara não é única nesse texto. Há a técnica de intercalar os parágrafos confessionais em primeira pessoa com a inclusão da reprodução de mensagens de textos trocadas com familiares e amigos. O amigo Henrique, por exemplo, é um interlocutor bastante presente. Brasileiro radicado na Noruega, comprou a *Sardinha* para Tamara e a ajudou na previsão do tempo, com instruções técnicas e até na melhora da saúde mental da navegadora. Esse cruzamento de vozes e de gêneros textuais (diário e mensagens instantâneas) é bem característico da literatura pós-moderna e dos tempos atuais. Cabe pontuar que essa opção faz a escrita

de Tamara fluir tal qual a *Sardinha* quando encontra ventos favoráveis. Entretanto, essa preferência por multiplicar vozes narrativas é empolgante para um leitor não familiarizado com as obras da autora. Essa narrativa híbrida é, na verdade, uma repetição de uma fórmula já utilizada em seu livro *Mil Milhas*. A autora pode e tem capacidade para explorar outros recursos literários para compartilhar suas vivências. Uma das ideias poderia ser aprofundar o cruzamento entre prosa e poesia, timidamente realizado nessa obra ao quebrar alguns parágrafos em versos.

Um destaque importante é a escolha do título do livro *Nós: O Atlântico em solitário*. O uso da palavra “nós” define bem toda a pluralidade de travessias de Tamara. Percebe-se o uso como pronome pessoal plural, já que apesar de seu deslocamento pelo Atlântico ser fisicamente sozinha, há a presença de metafóricas sardinhas que a ajudaram (sua avó, sua família, seus amigos, patrocinadores) e a personificação do próprio barco (seu companheiro na travessia) e do diário (um instrumento que “faz companhia e torna a solidão menos ardida”, p.44). Ademais, os nós aparecem como um substantivo referindo-se aos nós náuticos e até simbolicamente aos obstáculos durante a viagem. Também como substantivo, os nós representam a medida de velocidade utilizada na navegação.

Uma pergunta que poderá surgir a respeito desta obra é a seguinte: é preciso ter bagagem prévia para ler um livro sobre a navegação em um veleiro? Na edição, existe a preocupação em ambientar o leitor sobre a arte de velejar. Dessa forma, há a presença de ilustrações de um veleiro com descrição de sua estrutura e de um glossário de termos náuticos para consultar durante a leitura. No entanto, algumas palavras muito técnicas não foram incluídas nesse glossário como pá aérea,

leme de vento, rebarbadora, piloto elétrico, cujos significados não são entendidos pelo leitor não familiarizado ao mundo das velas. Apesar disso, a história não engloba apenas a descrição de como usar velas de tempestade ou dar um jibe com o barco. É, como já foi dito, uma travessia plural pelos mares e pela vida e isso amplia a gama de leitores, seja do mundo da vela ou não.

Por fim, com ilustrações belíssimas que também são textos, *Nós: O Atlântico em solitário* traz essa voz feminina que poten-

cializa outras vozes femininas. Mostrando, assim, que mulheres são capazes de realizar grandes feitos fisicamente sozinhas e construindo suas próprias redes de apoio, trilhando seus próprios caminhos. O referido livro é um misto de literatura náutica e literatura confessional e apesar de Tamara ser uma autora já com alguns livros publicados, ainda crescerá como escritora e também como velejadora, seguindo assim entre nós e muitas milhas as suas múltiplas travessias pela vida.

NOTAS

¹ Cf.: SLOCUM, Joshua. *Sozinho ao redor do mundo*. São Paulo: Edipro, 2023.

² Cf.: SLOCUM, Joshua. *Sozinho ao redor do mundo*. São Paulo: Edipro, 2023.

³ Cf.: SHÜRMANN, Vilfredo. *Momentos de uma aventura*. São Paulo: Editora Manole, 1ª ed., 1994.

⁴ Cf.: SHÜRMANN, Vilfredo. *Momentos de uma aventura*. São Paulo: Editora Manole, 1ª ed., 1994.

⁵ Cf.: KLINK, Amyr. *Cem dias entre o céu e o mar*. São Paulo: Companhia de bolso, 2005.

⁶ Cf.: KLINK, Amyr. *Cem dias entre o céu e o mar*. São Paulo: Companhia de bolso, 2005.

